



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

LUCAS DIOGO WOROBEL

MNEMOZINE

30 ANOS DE ROCK PÉ VERMELHO

Londrina

2025

LUCAS DIOGO WOROBEŁ

MNEMOZINE
30 ANOS DE ROCK PÉ VERMELHO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do Título de Bacharel em
Jornalismo, da Universidade Estadual de
Londrina - UEL.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo Demétrio

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

W929m Worobel, Lucas .

MnemoZine : 30 anos de rock pé vermelho / Lucas Worobel. - Londrina, 2025.
45 f. : il.

Orientador: Silvio Demétrio.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Graduação em Jornalismo, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Rock - TCC. 2. História - TCC. 3. Cultura - TCC. 4. Londrina - TCC. I. Demétrio, Silvio. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Graduação em Jornalismo. III. Título.

CDU 070

LUCAS DIOGO WOROBEŁ

MNEMOZINE
30 ANOS DE ROCK PÉ VERMELHO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do Título de Bacharel em
Jornalismo, da Universidade Estadual de
Londrina - UEL.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo Demétrio
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. André Azevedo da Fonseca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Fábio Alves Silveira
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 10 de fevereiro de 2025.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Vanessa Nishikawa Motomura, que sempre esteve comigo desde antes da graduação e que me ajuda e me motiva todos os dias a seguir os meus sonhos. Esta é mais uma das muitas etapas que já passamos e que iremos passar na nossa vida juntos. Te amo hoje, amanhã e para todo o sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, em especial minha mãe, Célia, que em meio a tantas dificuldades, formou o ser humano que sou hoje, e à minha eterna companheira, Vanessa Nishikawa, que foi fundamental no meu ingresso e trajetória na graduação.

Ao meu orientador, Silvio Demétrio, por acreditar desde o começo no meu projeto. Agradeço pela orientação sempre paciente e por todo conhecimento compartilhado comigo que muito enriqueceu não só este trabalho, mas também ampliou minha visão sobre o mundo à minha volta.

Aos professores André Azevedo e Fábio Silveira por terem aceitado o convite de integrarem a banca avaliadora e pelas dicas que contribuíram para o resultado final da MnemoZine.

Por fim, agradeço a todos os entrevistados pelo tempo dedicado e pela valiosa contribuição com informações e materiais que foram fundamentais para o projeto, com destaque para o jornalista Ricardo Abe que sempre se mostrou muito solícito em me ajudar.

“ÀS VEZES, AS COISAS MAIS REAIS SÓ ACONTECEM
NA NOSSA IMAGINAÇÃO. A GENTE SÓ SE LEMBRA
DO QUE NUNCA ACONTECEU.”

CARLOS RUIZ ZÁFON

RESUMO

WOROBEL, Lucas Diogo. **MnemoZine**: 30 anos de rock pé vermelho. 2025. 42 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

Narrar a história de um movimento musical em uma determinada cidade e época, é também narrar a história de pessoas e da cidade em si. A revista MnemoZine tem por objetivo organizar e contar a trajetória do rock pela cidade de Londrina ao longo de três décadas e, com isso, poder resgatar e registrar parte da memória da cidade. Para este fim, foram realizadas entrevistas com pessoas que se envolveram nessa história e se somaram com a pesquisa de artigos, reportagens e livros sobre o tema.

Palavras-chave: Rock; Londrina; Cultura; Música; Revista.

ABSTRACT

WOROBEL, Lucas Diogo. **MnemoZine**: 30 years of red foot rock. 2025. 42 pages. Course Conclusion Paper (Graduation in Journalism) - State University of Londrina, Londrina, 2025.

Narrating the history of a musical movement is also narrating the history of the people and the city itself. The magazine *MnemoZine* aims to organize and tell the trajectory of rock in the city of Londrina over three decades and, in doing so, preserve part of the city's memory. To this end, interviews were conducted with individuals involved in this history, alongside researches from articles, reports and books on the subject.

Key-words: Rock; Londrina; Culture; Music; Magazine.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Revista.....	39
Tabela 2 - Logotipo.....	39
Tabela 3 - Subtítulo	40
Tabela 4 - Texto de Capa	40
Tabela 5 - Sobre MnemoZine	40
Tabela 6 - Expediente	41
Tabela 7 - Sumário	41
Tabela 8 - Editoria.....	41
Tabela 9 - Linha do tempo (Título).....	42
Tabela 10 - Paginação	42
Tabela 11 - Frases avulsas dos entrevistados	43
Tabela 12 - Título de texto	43
Tabela 13 - Subtítulo de texto.....	44
Tabela 14 - Texto.....	44
Tabela 15 - Página de Referência.....	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. RELATÓRIO CONCEITUAL	14
2.1. Breve histórico do rock and roll: dos EUA para Londrina	14
2.2. A importância de uma revista	17
2.3. A importância do impresso na era digital	18
2.4. Sobre a revista	19
2.4.1. Linha editorial	19
2.4.2. Porque MnemoZine	20
2.4.3. A revista	20
2.4.4. O Ensaio	21
2.4.5. Design editorial	22
3. MEMORIAL	24
3.1. Da ideia inicial ao início dos trabalhos	24
3.2. Produtos semelhantes	24
3.3. O que foi planejado e o que não deu certo	27
3.4. Versão Final	28
3.5. O processo de produção	32
4. CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE	38
APÊNDICE A	39

1. INTRODUÇÃO

“Existe uma cena [rock] porque existem pessoas que estão engajadas nela. A cena são as pessoas.” Esta frase, dita pelo produtor musical Alexandre Bressan em uma entrevista que fiz com ele em maio de 2024, abre o texto porque resume bem a proposta do projeto MnemoZine. Contar a história do rock and roll em Londrina não é simplesmente falar sobre um movimento musical em si, mas é, principalmente, contar sobre as histórias de pessoas que, de alguma forma, se envolveram para o rock acontecer.

Ao narrar a trajetória do rock and roll no norte do Paraná, fala-se também sobre o contexto em diferentes décadas que influenciaram para que esse movimento tivesse mais ou menos presença na população. Narra-se portanto, além da memória individual, a memória coletiva de uma cidade.

Tendo esta proposta em mente, o projeto possui dois objetivos. Um é informar da melhor forma possível sobre como o rock se desenvolveu. O segundo é que, ao organizar e escrever através de relatos e documentos, esse projeto serve também como um registro de parte da memória de Londrina.

Para isso, a escolha do formato revista atende as duas propostas. Nascimento (2002), ao falar sobre as especificidades do formato, conta que a revista permite melhor tratamento visual, devido ao uso de um melhor material para impressão, possibilitando assim melhor liberdade na diagramação e uso de cores, além de ser mais aberto a uma linguagem solta e descontraída.

Isso porque informar não se trata apenas de escrever um punhado de informações e atribuir ao leitor o ônus de adaptar a sua leitura à escrita. A comunicação, para que seja efetiva, necessita de uma vontade do interlocutor em criar um ambiente atraente e envolvente para que as informações possam ser recebidas e absorvidas. Portanto a escrita do conteúdo da MnemoZine terá um caráter mais literário, acompanhado de elementos gráficos e fotos que conte a história e torne a leitura algo mais chamativo, atraente e descontraído.

Indo além do caráter informacional, a revista também serve como um registro histórico. Como Carli (2013) comenta, “para manter vivas as memórias e as histórias de um país, é preciso preservar aquilo que foi registrado em diferentes suportes informacionais.” Nesse sentido, ao produzir a revista, o que faço é documentar e organizar depoimentos e pesquisas que estão quase esquecidas em arquivos físicos

e na memória nostálgica de quem viveu uma época que agora só conseguem acessar em suas lembranças.

2. RELATÓRIO CONCEITUAL

2.1. Breve histórico do rock and roll: dos EUA para Londrina

Os primeiros sons que passaram a ser considerados como rock and roll não surgiram do absoluto nada. Primeiro, foram necessários anos de misturas rítmicas entre diferentes culturas, que desembocaram em músicas que continham, na mesma melodia, padrões de chamado-e-resposta provenientes de uma aldeia africana, misturados com as harmonizações da música clássica da Europa do século XVIII (FRIEDLANDER, 2008). Essas misturas deram origens a gêneros ligados a cultura negra dos Estados Unidos (blues, gospel, jazz e rhythm blues) e a cultura rural branca do país (folk e country). Juntando todas essas influências, em meados da década de 50, passa-se a ouvir os primeiros sons de rock nas rádios.

No entanto, o rock só estourou nas paradas de sucesso quando estas recombinações de influências encontraram um ambiente propício. Na década de 50, devido ao pós guerra, a sociedade dos EUA passava por uma intensificação do consumo.

Toda a economia e o avanço científico dos anos de guerra se voltavam agora para o lar. Um universo mágico de fabulosas máquinas (eletrodomésticos) surgia para resolver todos os problemas do homem comum, embora alguns desses aparelhos fossem supérfluos e totalmente inúteis. O consumismo era o melhor antídoto contra o comunismo, servindo de propaganda e mostrando ao mundo toda a abundância e superioridade material do povo norte-americano (BRANDÃO; DUARTE, 2004).

Ao mesmo tempo, devido à expansão das escolas e das universidades, a juventude da época passava a viver cada vez mais em ambientes separados dos pais e da vida adulta, o que propiciou anseios para uma construção de uma identidade própria (CUNEGUNDES, 2004). Foi justamente no rock que esses jovens encontraram uma forma de construir e mostrar ao mundo suas identidades, já que as letras conversavam diretamente com esse grupo, com temáticas sobre romances juvenis, carros, festas e vida escolar (BRANDÃO; DUARTE, 2004).

O crescimento acelerado da juventude norte-americana no pós-guerra, combinado com seu entusiasmo por novas expressões culturais, chamou a atenção

do mercado, que passou a enxergar nesses jovens alvos perfeitos para um consumo em expansão. Mas era inadmissível que a cultura escolhida para chamar a atenção dos jovens ao consumo viesse dos negros. A grande ideia foi fazer do Elvis Presley o grande ídolo juvenil, performando do exato mesmo jeito que Little Richard já fazia anos antes, só que agora por um cara branco.

No Brasil, o rock seguiu um caminho próprio, mas manteve algumas semelhanças com o cenário internacional. Assim como nos Estados Unidos, onde vozes negras foram substituídas por jovens brancos de boa aparência na segunda metade dos anos 1950, os primeiros intérpretes do gênero no Brasil também eram, em sua maioria, filhos da classe média. Nora Ney e Heleninha Silveira são consideradas as primeiras cantoras a se aventurarem no gênero, no final de 1955, com versões do clássico *Rock Around the Clock*, de Bill Haley and the Comets, que chegou ao Brasil como trilha sonora do filme *Sementes da Violência* (Blackboard Jungle). Em novembro daquele ano, Nora Ney lançou sua versão em inglês, enquanto, em dezembro, Heleninha Silveira apresentou uma versão em português. Curiosamente, ambas as gravações, lançadas por gravadoras diferentes, tiveram o título traduzido da mesma forma: *Ronda das Horas*.

Em 1957, foi lançado o primeiro rock original brasileiro: *Rock and Roll em Copacabana*, escrito pelo jornalista Miguel Gustavo e gravado por Cauby Peixoto, acompanhado pela banda The Snakes, da qual fazia parte um jovem Erasmo Carlos. Dois anos depois, em 1959, Celly Campello se destacou ao lançar os sucessos *The Secret* e *Estúpido Cupido*, consolidando-se como uma das primeiras artistas do rock no Brasil. No mesmo ano, ela e seu irmão Tony ganharam destaque com o programa *Celly e Tony em Hi Fi*, exibido pela TV Record¹.

Durante a década de 1960, o rock seguiu por dois caminhos distintos no país. O primeiro, mais presente nas rádios, ficou conhecido como rock iê-iê, com canções que exaltavam a vida festiva, o romance e o consumo – representando basicamente a diversão da classe média. Roberto Carlos e Erasmo Carlos foram os principais expoentes desse estilo. O segundo caminho, mais experimental, incorporava influências do movimento psicodélico que crescia no mundo com bandas como The Beatles e Pink Floyd, mesclando-as com elementos da música brasileira, como o samba. Foi nesse movimento que nasceu uma das bandas mais importantes da história do rock nacional: Os Mutantes. Tão relevantes quanto foram para o cenário

¹Guia Rock Nacional Anos 80, 2016

nacional, a banda e o movimento que difundiam, foram peças importantes para o começo do rock em Londrina na década de 70.²

Enquanto o Brasil passava pelos anos de chumbo da ditadura com todos os aspectos culturais sofrendo censura, o rock chegou em Londrina em um momento de profunda aceleração urbana e ápice econômico devido ao ciclo do café. Foi nos anos 70 que a população de Londrina passou a ser majoritariamente urbana. (ROSELY, 2008). Desde o início da década de 60, a região via surgir emissoras de televisão, como a TV Coroados e a TV Tibagi - sediada em Apucarana (COSTA, 2012) enquanto que as rádios FM se multiplicavam.

Devido essa expansão das mídias, os jovens da região começaram a ter cada vez mais contado com o que vinha de fora. Ricardo Abe³, jornalista e pesquisador, descreveu em entrevista concedida a mim, que grupos de jovens se reuniam para ouvir discos de artistas nacionais e internacionais. Em uma dessas reuniões surgiu a ideia da realização do festival Colher de Chá, que ocorreu em fevereiro de 73, em Cambé. Inspirado no Woodstock, a principal atração foi Os Mutantes.

Apenas um mês depois, foi realizado no Teatro Universitário o evento musical Na Boca do Bode, marcando a estreia de Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção na música (GIORGIO, 2005). O evento também serviu para mostrar a característica culturalmente vanguardista da cidade, misturando teatro e música. Essa união das duas artes pode ser vista em diferentes momentos ao longo dos anos na cidade, com destaque para os anos 90, quando surgiu banda como Chaminé Batom e Evita Perón, com integrantes que tinham ligação com os dois universos.

Ao longo dos anos seguintes, o rock progrediu na cidade, com eventos e shows de tempos em tempos. De acordo com Ricardo Abe, na segunda metade dos anos 80 o movimento atingiu o auge, misturando o grupo do skate com o pessoal do punk, ambos com forte presença na região da Vila Casoni, em Londrina. Esse ápice acompanhou o momento de grande efervescência cultural da cidade, quando surgiu o Festival Internacional de Londrina (FILO)⁴ e o Festival de Música de Londrina⁵.

² Guia Rock Nacional Anos 80, 2016

³ Informações obtidas através de entrevista realizada com o pesquisador em abril de 2024, como uma das pautas da revista MnemoZine

⁴ Até a 18ª edição, o festival era conhecido por Festival Internacional, só partir de 1990 passa-se a ser conhecido como FILO ((MARINHO, 2005)

⁵ O festival Internacional de Música começou em 1980 ("FML: Acordes de Inverno", 2011)

Desde então, o rock continuou se desenvolvendo na cidade, refletindo tanto o cenário nacional, onde o rock gradativamente foi deixando o mainstream e desaparecendo das rádios, como o cenário local, onde a cultura entrou em declínio.

Estudar e escrever justamente sobre esta história, de como o rock emergiu em Londrina e de como, ao longo de décadas, o gênero marcou e foi marcado pelo contexto social da cidade é o que motiva este projeto. Ao documentar essas histórias, desde o “Colher de Chá” até o final do século XX, resgata-se também uma história rica e diversa sobre a cultura londrinense, guardada na memória de personagens que viveram e se envolveram nesta trajetória.

2.2. A importância de uma revista

Um dos maiores desafios ao narrar uma história é cativar a atenção do leitor. Neste sentido, a revista se destaca como um formato versátil e dinâmico, diferenciando-se de outros meios pela liberdade que oferece, tanto na linguagem, quanto na montagem. Segundo Scalzo (2003), a revista possui funções “mais complexas que a simples transmissão de notícias; entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura.” Além disso, ela exige um material de impressão de melhor qualidade, o que permite uma maior liberdade na escolha dos recursos visuais e textuais (NASCIMENTO, 2002).

Um dos aspectos que tornam as revistas mais atraentes é a possibilidade de adotar uma linguagem mais solta e informal, capaz de estabelecer uma conexão mais próxima com o leitor. Essa flexibilidade permite que o texto dialogue diretamente com o público de forma descontraída, sem perder o rigor jornalístico. Isso cria uma experiência de leitura envolvente, já que o estilo acessível favorece a identificação do leitor com o conteúdo. A linguagem solta também permite ao jornalista explorar a narrativa de forma mais criativa, utilizando metáforas, humor e uma abordagem menos rígida em comparação a outros meios, como o jornal impresso ou a televisão. Em relação aos recursos visuais, o uso delas no jornalismo podem servir tanto como um recurso para atrair a atenção, como para reforçar a informação. Para Dondis (2003), “Buscamos um reforço visual de nosso conhecimento por muitas razões; a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência real.”

Além disso, os elementos visuais a serem utilizados são diversos, como cores, fotografias, formas e símbolos. Todos esses elementos precisam, porém, estar dispostos de forma harmoniosa, para que sirvam de iscas para o olhar do leitor, guiando a leitura e criando uma experiência de identificação com o material apresentado (HERNANDES, 2006).

2.3. A importância do impresso na era digital

Em um mundo altamente digitalizado, onde todos os aspectos de nossas vidas possuem alguma presença no digital, pode parecer estranho que alguém diga que a alternativa física é a melhor opção para a preservação de algo. Mas é. Isto ocorre devido à acelerada evolução tecnológica, que deixa, por lógica, um rastro de tecnologias obsoletas. Quando surge uma nova tecnologia inovadora, os usuários migram para ela, enquanto que as tecnologias usadas antes ficam esquecidas (SANTOS; FLORES, 2015). Um bom exemplo são os CDs, que foram usados largamente para guardar documentos, fotos e música, mas que hoje praticamente não há mais aparelhos capazes de ler tal mídia.

Outro ponto importante é a fragilidade da tecnologia, que pode, em um curto espaço de tempo, tornar impossível o acesso a um arquivo. Não é raro que pessoas tenham problemas com algum cartão de memória corrompido. Isso se deve a inúmeros fatores, que nem sempre estão em nossas mãos, como a manipulação, a frequência de uso e os defeitos de fabricação, que podem diminuir a vida útil do suporte (SANTOS; FLORES, 2015).

Por isso, a mídia física ainda se mostra como fundamental para a preservação de documentos a longo prazo, já que, ainda que apresente sinais de deterioração ao longo do tempo, possuem uma resistência maior a perdas totais.

Uma fotografia ou uma carta que fique guardada em condições ambientais adversas (calor e/ou umidade, por exemplo), ainda que apresente traços de deterioração, pode ser contemplada, e seu conteúdo é legível. Exemplos famosos são os inúmeros pergaminhos, tabuletas de argila, a pedra de Roseta, cópias produzidas em mosteiros medievais, entre outros registros culturais e artísticos das mais antigas civilizações e de períodos relativamente recentes da nossa história, que

sobreviveram ao tempo, mesmo sem cuidados especiais (CÔRREA, 2010).

2.4. Sobre a revista

2.4.1. Linha editorial

“Rock and roll é mais do que um gênero musical; é um estilo de vida.” Uma frase muito ‘batida’, mas que muitos fãs do rock já disseram ou pelo menos ouviram. Na realidade, até mesmo quem não se interessa pelo gênero já deve ter ouvido esta frase. No entanto, para ela fazer sentido é necessário então considerar que o gosto pelo rock and roll está ancorado não apenas na musicalidade em si, mas também no histórico cultural de quem toca e de quem ouve a música. No caso, ancorado no contexto social do meio envolvido.

Seguindo esta ideia, a frase inicial encontra respaldo na ideia de Bourdieu sobre o gosto,

considerando que os julgamentos estéticos não são simplesmente reflexos de vontades individuais (primado da ação), nem tampouco substancialmente macro-determinações de arranjos coercitivos (primado da estrutura). Resultam, pois, de toda herança cultural e social do indivíduo, segundo seus níveis de capital cultural (COSTA, 2013).

Nesse sentido, ao pesquisar um gênero musical, não se descobre apenas a história dos artistas que participaram da cena, mas também o momento histórico social que propiciou o surgimento dele.

Por isso as entrevistas realizadas foram conduzidas para que o entrevistado contasse não apenas os causos que viveu na época retratada, mas também o que se passava na cidade e na mentalidade da juventude da época.

Ainda atento a este aspecto, a editoria que melhor exemplifica essa preocupação/tentativa é o eixo temático Contexto. Inspirado diretamente na abordagem dos livros *Rock and Roll: uma história social*, de Friedlander (2008) e *A Legião Urbana do underground ao mainstream*, de Magi (2013), os textos correspondentes a esta editoria contextualizam o leitor sobre o que estava

ocorrendo no mundo e que influenciou para que o período histórico abordado tenha acontecido da maneira que aconteceu.

Outro ponto importante da revista é o estilo da escrita dos textos. Para criar essa identificação do leitor com a revista, abri mão de uma linguagem solta e, em diferentes momentos, com termos que remetem a algo relacionado ao rock nacional e mundial.

Os títulos e subtítulos das matérias são um bom exemplo. A maioria fazem referências a músicas, bandas ou termos que são geralmente relacionados a rock ou algum subgênero do estilo, como os títulos “Vem Bagulho Bom Aê” e “Uma Legião Urbana”, que remetem a banda *Legião Urbana*, ou “O Diabo não é o pai do rock... / ... pelo menos em Londrina”, que remete à *Raul Seixas*.

2.4.2. Porque MnemoZine

Filha de Gaia e Urano, Mnemosine é a divindade responsável pela memória. Não só. Da relação de nove noites dela com seu sobrinho, Zeus, nasceram as nove musas que inspiram os músicos, poetas e historiadores: Clio (História); Euterpe (Música e poesia lírica); Tália (Comédia e poesia pastoral); Melpômene (Tragédia); Terpsícore (Dança e poesia coral); Érato (Poesia amorosa); Polímnia (Retórica); Urânia (Astronomia) e Calíope (Poesia épica e eloquência)⁶.

Já o Zine faz referência tanto a *magazine* (revista), como a *fanzine* - cultura muito difundida na cena punk e pós-punk em todo o planeta, inclusive em Londrina nos anos 80 e 90 - caracterizada pela confecção caseira de livros e panfletos para difundir os ideais anarquistas.

A junção das duas referências no título se encaixam, portanto, no ideal e no objetivo final da revista, como um produto que busca resgatar a memória e a história da cena rock em Londrina.

2.4.3. A revista

A revista MnemoZine é um produto de edição única e de caráter histórico, composta por 40 páginas em tamanho A4. O objetivo é narrar a trajetória do rock

⁶ Mnemósine. In: **Portal dos Mitos**. 1 de julho de 2013. Disponível em <https://portal-dos-mitos.blogspot.com/2013/07/mnemosine.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024

and roll a partir de histórias obtidas através de entrevistas e documentos históricos. Para isso, a revista foi separada em 5 eixos temáticos denominados de: **bandas; bares; eventos; contexto e cena.**

Além dos eixos temáticos, a revista também contará com um editorial, um ensaio sobre os elementos de vestuário e acessórios que os rockeiros utilizam para se identificar entre si e uma reportagem sobre um dos personagens mais icônicos do rock londrinense: Paulão Rock n' Roll (Paulo Troiano).

Os eixos temáticos e o ensaio foram distribuídos ao longo da revista de forma não-linear, com intuito de dar um ar mais descontraído para leitura, mas estão com suas editorias identificadas nas páginas correspondentes. O mesmo foi feito com as fotos do ensaio, que terá acompanhamento de frases ditas pelos entrevistados ao longo da produção da revista e que expõe algumas características da cena londrinense.

Por fim, considerando o caráter de documentação histórica que a revista se propõe, na 3ª capa foi reservada para referenciar os entrevistados, as fotos utilizadas e que não são de minha autoria e os materiais consultados, ligados direta ou indiretamente à cena local.

2.4.4. O Ensaio

Fiúza e Parente (2008) explicam que é através do ensaio que o fotógrafo pode expressar sua visão sobre um determinado tema. Sendo assim e entendendo o rock and roll não apenas como um gênero musical, mas algo que permeia amplos aspectos da vida dos rockeiros, o objetivo do ensaio contido na revista é expor justamente o aspecto visual do que é ser roqueiro: quais roupas, adereços e outros subterfúgios são apropriados para identificar um roqueiro.

O ensaio foi produzido, portanto, ao longo de algumas noites em redutos de grande concentração de adeptos ao rock, sendo o principal deles o Bar Bearia, na rua Quintino Bocaiúva, em Londrina. A intenção do ensaio também era registrar de forma espontânea como essas pessoas expressam o 'ser roqueiro', por isso evitei o registro de fotos posadas.

A escolha pela produção monocromática das fotos, neste caso, em preto e branco, se justifica diretamente pelas cores adotadas na revista e que serão explicadas mais à frente. Além da questão estética, o caráter monocromático das

imagens também foi uma saída para um problema que surgiu durante a produção do ensaio: fotografar em ambientes escuros com equipamentos não propícios para fotografia com baixa luz.

2.4.5. Design editorial

O design editorial é um dos pontos-chaves na produção de uma revista, pois é o que define a identidade visual e a relaciona o produto com o tema proposto. “As imagens, o tamanho das fontes tipográficas, a posição dos títulos, retículas, boxes, fios, enfim, todos os elementos visuais devem ser perfeitamente pensados e posicionados com o objetivo de atender a uma necessidade editorial” (LONGHI, 2006).

Em relação às cores, Dondis (2003) afirma que,

A cor está, de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum. Constitui, portanto, uma fonte de valor inestimável para os comunicadores visuais.

Considerando a cor como elemento de informação e identificação, MnemoZine usa como cores principais o preto, o branco e variados tons de vermelho. O preto por ser uma cor comumente associada ao rock and roll. O branco pelo contraste com o preto. E o vermelho se deve pela identificação com a cidade, conhecida pelo seu solo vermelho e presente na bandeira do município.

Especialmente na reportagem sobre o Paulão Rock n’ Roll, foi utilizada a cor dourada, devido a foto que ilustra o espelho e a abertura do texto possuir esta cor.

Sobre a tipografia, o cuidado maior que se deve ter é em relação à boa leitura. Uma tipografia escolhida de forma descuidada pode prejudicar o ritmo de leitura e o entendimento do texto. Samara (2022) chama a atenção para o cuidado com o espaçamento entre letras, palavras, orações e parágrafos. A atenção ao tipo de fonte também é fundamental, já que há fontes que não possuem caracteres especiais, como acentuação.

Neste sentido, a escolha tipográfica para revista segue algo sóbrio e que permita fácil entendimento do texto, mas sem que fuja da temática da revista. O tamanho da fonte e o espaçamento entre as letras e as linhas também visam o

público mais velho, um dos públicos alvos da revista, que possui um grande número de indivíduos com algum problema visual.

Por último, o grafismo é um recurso interessante, uma vez que ele serve tanto para guiar a leitura do leitor, como para criar um ambiente agradável. Na revista MnemoZine ele terá alguns usos específicos, como separar textos e criar contrastes. Alguns recursos gráficos foram utilizados também como elemento de referência, como, por exemplo, as placas que servem como fundo das editorias, remetendo a um aspecto mais industrial e, conseqüentemente, urbano.

3. MEMORIAL

3.1. Da ideia inicial ao início dos trabalhos

A ideia sobre o tema me acompanha desde o começo da graduação. Ainda no primeiro ano, para a disciplina de introdução ao radiojornalismo, produzi uma matéria contando sobre o cenário atual do rock em Londrina. Durante a pesquisa para a pauta me deparei com um texto relatando o passado do movimento na cidade.

Entre essas histórias, uma me chamou a atenção: nos anos 80, a sorveteria Creme de Leite - que por sinal, não existe a muitos anos - dava espaço para que bandas de jovens garotos, do heavy metal ao punk, se apresentassem. Não só isso, eles conseguiam fechar a rua aos domingos para isso. Não bastando, essa rua era a Paranaguá, hoje foco de uma disputa que se arrasta por anos entre os moradores e os bares da região.

Pensar que uma rua que hoje é alvo de polêmicas por conta de tumulto e barulho, era interditada para que bandas de rock tocassem é algo quase impensável, ainda mais considerando a prevalência do sertanejo na cidade.

Por isso o interesse no tema. Quantas histórias aconteceram e que hoje estão alocadas apenas nas lembranças dos que ainda resistem ao destino final? Contar essas histórias é resgatar a memória de pessoas, de uma cidade e de um movimento musical.

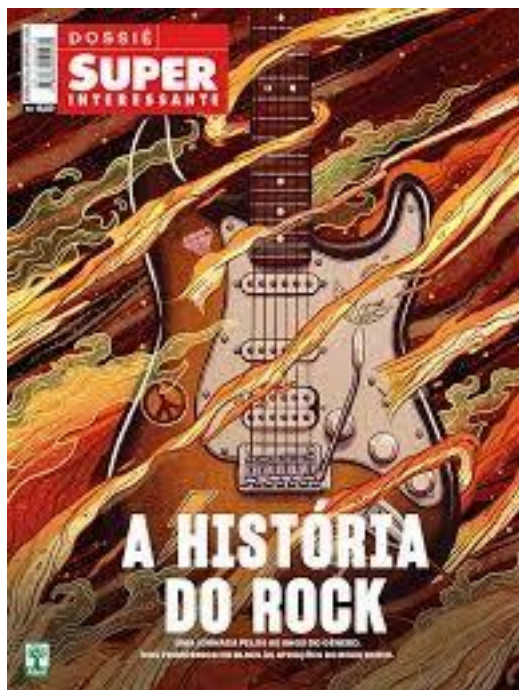
3.2. Produtos semelhantes

Para compreender melhor os resultados que esperava alcançar com a revista, decidi buscar referências em produtos semelhantes. Meu objetivo era encontrar publicações que se aproximassem da proposta de contar a história de um período ou de um grupo histórico específico.

A ideia era entender como outras revistas estruturaram suas narrativas, quais recursos gráficos utilizaram e como apresentaram suas informações ao público. No entanto, ao iniciar essa busca, percebi que esse nicho é bem mais restrito do que eu imaginava.

Apesar da pouca oferta de revistas com esse perfil, consegui encontrar dois exemplos que se aproximam, em certa medida, da proposta da MnemoZine. O primeiro deles é uma edição especial da revista Superinteressante, publicada pela Editora Abril em 2019, com o título A História do Rock.

Ilustração 1 - Capa da revista Superinteressante



Fonte: próprio autor.

Nesta edição, diferentes períodos do rock mundial são abordados e apresentados de maneira cronológica, proporcionando ao leitor uma visão ampla da evolução do gênero musical ao longo das décadas.

Embora o tema da revista não seja exatamente inovador, visto que inúmeros livros já narraram a trajetória do rock n' roll de maneira abrangente, é interessante observar como o formato da revista confere um dinamismo diferenciado à narrativa. Isso se deve, sobretudo, à liberdade que o meio impresso proporciona no uso de cores, grafismos e diagramação. Diferente da rigidez visual que algumas publicações mais tradicionais possuem, a Superinteressante aproveita ao máximo os recursos gráficos para tornar a leitura mais fluida e envolvente.

O segundo material analisado é a revista de edição única Guia Rock Nacional Anos 80, publicada pela Editora Online. Assim como a edição especial da

Superinteressante, essa publicação também segue a proposta de contar a história do rock.

Ilustração 2 - Capa da revista Guia Rock Nacional Anos 80.



Fonte: próprio autor.

No entanto, enquanto a primeira aborda o gênero de maneira ampla e global, a revista da Editora Online foca exclusivamente no rock nacional da década de 1980. Esse recorte mais específico permite uma abordagem mais aprofundada, resultando em uma experiência de leitura muito mais imersiva.

Além do conteúdo bem elaborado, outro aspecto interessante do Guia Rock Nacional Anos 80 é a forma como os recursos gráficos e editoriais são utilizados para enriquecer a narrativa. Com cem páginas no total (incluindo capa e contracapa), a revista explora diversas estratégias para contar a história do rock brasileiro dessa década marcante.

Diferente da Superinteressante, ela aposta em uma diagramação mais solta e dinâmica. Um dos diferenciais mais marcantes é a inclusão de trechos de letras de músicas, que ajudam a contextualizar os momentos históricos retratados.

Em termos de design, a revista também faz um uso expressivo de cores, embora com uma paleta menos variada do que a da edição especial da Superinteressante. Essa escolha estética contribui para a criação de uma identidade visual própria, reforçando a atmosfera da época retratada.

Dessa forma, ao analisar esses dois exemplos, pude perceber diferentes abordagens possíveis para a construção de uma revista temática sobre história. A escolha dos elementos gráficos, o estilo de diagramação e até mesmo o tom narrativo são aspectos que influenciam diretamente na experiência do leitor.

Essa análise foi essencial para compreender como estruturar a MnemoZine de maneira coerente com sua proposta editorial, garantindo não apenas um conteúdo informativo de qualidade, mas também uma identidade visual marcante e envolvente.

3.3. O que foi planejado e o que não deu certo

O planejamento inicial da MnemoZine tinha o objetivo de cobrir um período maior do que de fato foi concretizado na versão final. A ideia abrangeria desde a década de 70 até os dias atuais. A proposta era construir um panorama completo da cena do rock em Londrina ao longo dessas cinco décadas. Para organizar o conteúdo de maneira coerente, a revista seria estruturada em seis editorias ou eixos temáticos: Pessoas, Bandas, Bares, Eventos, Lugares e Contexto.

Cada uma dessas editorias seria composta por reportagens individuais, distribuídas ao longo da revista de forma não-linear, criando uma experiência de leitura mais dinâmica. Para a editoria de Bandas, por exemplo, seriam produzidas matérias individuais sobre Os Bárbaros; Caça Níkel; Lepra; Convulsão e Surface, explorando suas origens, influências, momentos marcantes e legados dentro do cenário musical da cidade.

Além das editorias mencionadas, a MnemoZine também contaria com uma reportagem especial sobre a participação feminina na cena do rock londrinense e um material extra sobre como construir uma guitarra improvisada, além de algumas letras de músicas de bandas locais da época.

Assim como toda produção editorial, nem todas as ideias chegam na versão final como fora planejado inicialmente. Na MnemoZine, a maior mudança foi em relação ao período coberto. Contrariando o que eu acreditava, reunir informações sobre os últimos 20 anos se mostraram mais difíceis do que os primeiros 30. Por isso a revista abrange desde os anos 70 até a década de 90.

A reportagem especial sobre a participação feminina, o guia de construção caseira de guitarra, assim como outras matérias que ficaram de fora ocorreram

devido a falta de material de pesquisa para consulta e desencontro de agenda com fontes que forneceriam essas informações.

E aqui vale mencionar que boa parte desses problemas estão ligados diretamente ao calendário universitário atípico e ao excesso de trabalhos acadêmicos que, juntos, atrapalharam em grande medida a concretização destas ideias, em razão do prazo reduzido de produção e de uma menor disponibilidade diária, visto também que o curso de jornalismo não apresenta janelas em suas grades. Outro ponto que influenciou para a versão final é o tamanho da revista, determinado por regulamento da disciplina de conclusão de curso, impactando diretamente na decisão da retirada das letras das músicas por causa da falta de espaço.

3.4. Versão Final

No fim, a versão final da MnemoZine ficou um tanto diferente do que foi planejada no início, mas, ainda assim, o conteúdo contido nela atingiu o objetivo proposto de narrar esse período histórico da revista.

A partir de agora detalho com mais profundidade o conteúdo apresentado na publicação, começando pelo editorial "Afinal, o que é Rock?". Esse texto introdutório propõe uma reflexão sobre a dificuldade de estabelecer uma definição única e definitiva para o rock, considerando suas diversas vertentes, transformações e significados ao longo das décadas.

A intenção foi contextualizar o leitor e provocar uma discussão sobre os diferentes olhares que existem sobre o gênero, especialmente em uma cena local como a de Londrina, ao longo dos grandes polos que marcam a história do gênero no Brasil.

Além disso, fruto direto do processo de produção da revista, elaborei uma linha do tempo, estruturada como um guia simples sobre os diferentes momentos do rock em Londrina. Esse material foi desenvolvido para apresentar os diferentes momentos do rock londrinense permitindo ao leitor compreender de forma cronológica as mudanças que ocorreram.

A linha do tempo ficou dividida em 4 gerações: a primeira, de 1960 a 1970, quando surge a primeira movimentação da mídia local em abrir espaço para bandas da cidade. A segunda, de 1970 a 1983, quando aparece os nomes de Paulão Rock

n' Roll, Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. A terceira, de 1985 a 1993, quando um grande número de bandas começaram a surgir na cidade, com um som mais simples, sujo e com pouco conhecimento técnico. A quarta e última geração abordada na revista, de 1992 a 2000, é marcada pelo amadurecimento das bandas locais, leis de incentivo à cultura e a forte presença da universidade e do teatro nas bandas de rock.

O espelho da revista apresenta a trajetória do Paulo Troiano, mais conhecido como Paulão Rock n' Roll. Figura muito conhecida dentro da cena cultural londrinense, foi um dos grandes responsáveis por difundir o rock aqui na cidade desde a década de 70. Muitos dos entrevistados com quem conversei, o citaram como um grande motivador devido aos seus programas de rádio. O título do texto, "O Diabo não é o pai do Rock... / ...Pelo menos em Londrina" é uma referência a música *O diabo é o pai do rock*, de Raul Seixas.

Em relação às editorias, a MnemoZine tem seu conteúdo dividido em 5 eixos temáticos: Eventos, Bandas, Bares, Cena e Contexto.

A editoria Eventos conta com três matérias distribuídas nas páginas 6, 14 e 19. A primeira matéria, "A hora de dar uma Colher de Chá", acompanha desde o surgimento da ideia de realizar um festival inspirado em Woodstock até a concretização do evento. É nessa matéria que o nome Paulão Rock n' Roll faz sua primeira aparição, tornando-se um personagem recorrente ao longo da revista.

A segunda matéria, "Um Bode e a sua Boca", retrata o evento musical "Na Boca do Bode", que evidencia a forte conexão entre o teatro e a música underground londrinense. Esse evento foi um marco não apenas para a cena local, mas também por ter sido um dos primeiros espaços em que Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção, futuramente grandes expoentes da vanguarda paulista dos anos 70, fizeram suas primeiras aparições.

Fechando esta editoria, a terceira matéria, "Um show de rock em um teatro. O que poderia dar errado?", resgata a história do show da banda Made in Brazil, que contou com a abertura do grupo londrinense Caça Níkel, no icônico Cine Teatro Ouro Verde. A apresentação, marcada por uma energia intensa e um público empolgado, culminou em um episódio de quebradeira generalizada, tornando-se um evento emblemático tanto para a história do teatro quanto para a cena cultural da cidade.

A segunda editoria é dedicada à Cena local, contando com três matérias, distribuídas nas páginas 26, 30 e 37.

O texto que abre a editoria, “Amigos Punks”, mergulha no universo da cena punk da cidade, explorando sua relação estreita com o skate e a produção de fanzines. O título faz referência à música “Amigo Punk”, da banda gaúcha Graforrêia Xilarmônica. Além disso, essa matéria se destaca visualmente dentro da revista, sendo a única cujo título possui um design diferenciado: a letra “A” é substituída pelo símbolo do anarquismo ligada ao movimento punk.

A segunda matéria, “Uma Legião Urbana”, aborda a cena musical londrinense a partir de 1985, quando houve o primeiro *boom* de bandas locais, impulsionado pelo crescimento do rock nacional na década. O título faz uma referência direta à banda Legião Urbana, um dos grupos mais influentes do período e que simbolizava a sonoridade e as inquietações da juventude daquela época. O texto traça um panorama do surgimento dessas novas bandas em Londrina, suas influências e o impacto que tiveram na cena local.

Fechando a editoria, a terceira matéria, “Teatro, Literatura & Rock n’ Roll”, explora a 4ª geração do rock londrinense, quando ocorre uma transição de tom, com um som mais sofisticado e conceitual. Esse amadurecimento foi impulsionado tanto pela experiência adquirida pelas bandas que surgiram na década anterior quanto pela implementação de leis de incentivo à cultura, que possibilitaram maior experimentação artística e produção musical mais elaborada. Como resultado, emergiram bandas que traziam referências literárias e teatrais em suas composições, como Fahrenheit 451 e Evita Perón, que incorporaram elementos da literatura e das artes cênicas em suas músicas e performances.

A terceira editoria são Bandas, contando com duas matérias, distribuídas nas páginas 28 e 29. O primeiro texto fala sobre o Caça Níkel, seu processo de criação e sua importância para a cena local. O segundo texto narra a trajetória da Patife Band, que expõe como o mundo do teatro jamais abandonou a cena rock londrinense.

A editoria Bares, apresentada nas páginas 34 e 35, conta com dois textos. O primeiro conta sobre o Valentino e o segundo sobre o Mausoléu Bar. A história dos dois dos bares exemplifica as diferentes experiências que os bares de Londrina passam, seja pela sua longevidade, como no caso do Valentino, como pela sua brevidade, no caso do Mausoléu Bar.

A última editoria é a de Contexto, distribuída nas páginas 10, 17 e 32 e conta com três textos. objetivo é situar a cena londrinense dentro do panorama mais amplo do rock nacional e internacional, contextualizando os eventos, movimentos e influências que moldaram a trajetória do gênero na cidade ao longo das décadas.

O primeiro texto, “O Sonho Acabou?”, aborda o cenário do rock no Brasil e no mundo no início dos anos 70, quando são organizados o “Colher de Chá” e o “Na Boca do Bode”. O título faz referência a matéria da Folha de S.Paulo sobre o fim dos Beatles.

O segundo texto, “Quer que tenha rock em Londrina? Do It Yourself”, resgata os primeiros movimentos que ajudaram a trazer o rock para Londrina, ainda nos anos 60. A matéria traz o papel essencial de Jurandir Panza, radialista que abriu espaço para bandas locais em seu programa, e de Oswaldo Diniz, apresentador de TV que também incentivou a cena emergente.

O terceiro texto, “Vem bagulho bom aê”, foca na era de ouro do rock nos anos 80, um período impulsionado diretamente pelo impacto do Rock in Rio de 1985, que influenciou o *boom* de bandas londrinenses. A matéria destaca como esse festival ajudou a popularizar o rock no Brasil e incentivou a profissionalização de bandas locais, que passaram a enxergar o rock como uma possibilidade real de carreira. O título do texto é uma referência à banda Legião Urbana, mais precisamente, à música *Faroeste Caboclo*.

Além do conteúdo textual, a revista também apresenta um ensaio fotográfico distribuído ao longo das páginas 13, 16, 18, 27, 28, 34, 35 e 36. São 10 fotos monocromáticas que destacam vestimentas e acessórios utilizados pelos roqueiros como forma de identificação. A primeira imagem retrata o uso de uma jaqueta de motoclube. As quatro seguintes exploram tatuagens como elemento de expressão. A quinta foto registra o uso de camiseta de banda, enquanto outras três imagens mostram diferentes tipos de calçados, mostrando uma diversidade no gosto. A última foto exhibe uma jaqueta de couro, peça icônica da estética roqueira.

Além desse conteúdo, o último texto da revista oferece um panorama geral do rock a partir dos anos 2000. Por fim, reforçando o caráter documental da publicação, são listadas todas as fontes consultadas e utilizadas para a produção da revista, incluindo as pessoas entrevistadas, os créditos das fotografias de arquivo e o material utilizado como referência para a construção das matérias.

3.5. O processo de produção

Para alcançar tudo que estava planejado, o passo inicial foi traçar junto ao meu orientador, um caminho a seguir. Primeiro, a leitura sobre o tema foi fundamental. A principal delas e, que se tornou a base para a linha condutora da revista, foi *Rock and Roll uma história social*, de Paul Friedlander, onde o autor aborda a história do rock sob uma perspectiva de explicar como a organização social e seus problemas influenciaram cada década do rock pelo mundo.

Por acaso, me deparei também com um outro livro com esta mesma abordagem, mas tratando do cenário musical local. O livro *A Legião Urbana: do underground ao mainstream*, da Érica Ribeiro Magi, usa como mote a ascensão do grupo brasileiro para explicar como o contexto social influenciou para que os anos 80 se tornassem a década de ouro do rock nacional.

Com a inspiração de seguir essa mesma linha de pesquisa, fui atrás daqueles que participaram desta história em Londrina. O primeiro deles, e talvez o mais citado entre os demais entrevistados ao longo do projeto, foi Paulo Troiano, mais conhecido como Paulão Rock n' Roll. Foi com ele que pude entender como aconteceu o festival Colher de Chá, já que ele foi o idealizador e organizador do evento.

Para entender o contexto histórico londrinense, procurei o professor Rogério Ivano, do departamento de História da UEL. Além de pesquisador da história local, Rogério Ivano também possui uma perspectiva interessante sobre a cena local já que ele próprio fez parte dela na juventude.

Outro pesquisador que procurei e conversei por várias vezes foi o jornalista Ricardo Abe, que há décadas pesquisa sobre o rock em Londrina e que também integrou a cena por volta dos anos 80. Além das preciosas informações, obtive com ele também fotos, recorte de jornal e textos antigos sobre bandas, eventos e pessoas das décadas passadas.

Outra pessoa que consultei foi o guitarrista e professor de música, Renan Lourenço, com quem pude conversar e entender as questões mais técnicas de música e o que permeia esse universo. Acho importante também destacar que o Renan foi um dos entrevistados no trabalho de rádio que fiz no primeiro ano e que se tornou o embrião para o MnemoZine.

Para finalizar o grupo de consultores, entrevistei Marcos Salomé e Flávio de Souza. Salomé comanda o podcast SaloCast, e já recebeu diversos personagens

icônicos da cena local. Flavio Souza esteve a frente por muitos anos do programa de rádio KM 107, apresentado na Rádio UEL. Por este contato tão longo com os personagens da cena dos anos 70, 80 e 90, ambos foram fundamentais para complementar informações.

Adiante, outros personagens que integraram bandas locais também foram procurados, sendo eles: Marcelo Galvan, do Fahrenheit 451, Alexandre Bressan, que tocou no Nix e no Convulsão, e Marcos Angélico, fundador do Caça Níkel.

Para entender sobre os bares, conversei com o Miro Chamé, do Valentino, e com o Cristiano Coelho (Abelha) do Mausoléu Bar. Todas as entrevistas realizadas foram presenciais e devidamente registradas, com uma duração de mais de uma hora cada uma, sendo que só os encontros que tive com o Ricardo Abe somaram quase quatro horas de conversa.

Além das entrevistas, consultei diversos materiais para compor as matérias. Na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas da UEL, tive acesso ao livro “Na Boca do Bode”, de Fábio Giorgio. Já no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL, consultei o artigo “Woodstock em Cambé”, da pesquisadora Ana Paula de Angeli Andrade, além das reportagens “O Som Vem com o Sol” (março de 1973), sobre o Colher de Chá, e “Ouro Verde Depredado” (abril de 1984), que trata do show do Made in Brazil no Cine Teatro Ouro Verde. Ambas foram publicadas na Folha de Londrina.

No ambiente digital, consultei as matérias “50 Anos de Rock” e “Rock Feito em Casa”, disponíveis no arquivo digital da Folha de Londrina. Também acessei o texto “O Rock de Londrina de 1987 até 1998”, disponível no blog O Rock de Londrina. No YouTube, assisti a entrevistas do podcast Salocast, de Marcos Salomé, e ao documentário “Juventude em Brasa”, do jornalista Felipe Teixeira Quintiliano.

Além desses materiais, adquiri para meu acervo pessoal os livros “Enterrado Vivo”, de Nécio Turra Neto, “Geografia do Rock no Brasil”, de Roberto Marques Neto, e a revista “Guia Rock Nacional Anos 80”, da Editora Online.

Já o processo de diagramação foi concluído em cerca de dois meses. Toda a distribuição dos textos pelas páginas foi feita de forma mais livre, para que houvesse um dinamismo maior na apresentação dos textos, por isso não há um número de colunas, variando a cada página. Porém, apesar dessa diagramação mais solta, houve o cuidado para que os elementos de informação ficassem dentro da margem de corte, para que o processo de impressão não recortasse algum elemento.

Sobre a impressão, a capa e contracapa foram imprimidas em papel couchê, enquanto que o restante da revista foi impresso em folha sulfite 90mm. Apesar de todo o processo de produção da revista ter sido pensado para que a MnemoZine fosse impressa, não há nenhum impedimento para que haja distribuição digital do material.

4. CONCLUSÃO

Um paradoxo inevitável acompanha qualquer processo de pesquisa: quanto mais nos aprofundamos em um tema, mais percebemos o quanto ainda não compreendemos sobre ele. Mais de um ano após propor essa jornada ao meu orientador, vejo agora que o que eu acreditava saber era muito mais superficial do que imaginava, e o que eu não sabia era ainda mais vasto.

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas durante a produção da revista, posso afirmar com convicção que ela cumpriu o papel a que se propôs. MnemoZine conseguiu dar voz a todas as histórias que fizeram parte da vida daqueles que viveram e ainda vivem o rock em Londrina. A revista não apenas resgatou memórias, mas também trouxe à tona relatos e episódios que estavam à beira de se perder no tempo.

Mergulhar nas profundezas dessas lembranças, descobrir o que estava escondido e contar histórias que poucos conheciam, foi uma experiência reveladora. Porém, como todo trabalho que busca reunir um grande volume de informação, sempre há a sensação de que algo ficou de fora. Talvez um detalhe que faltou aqui, uma informação ausente ali; e, de fato, faltaram. Compilar tantas narrativas, tantas vozes, em um espaço limitado como o de uma revista foi um desafio imenso.

Porém, apesar das limitações impostas pela proposta da MnemoZine, que era uma revista de edição única, a vontade de seguir adiante com o projeto cresce a cada dia. Por mais que a jornada esteja concluída, cada vez mais passo a enxergar Mnemosine como um protótipo. O trabalho que iniciou aqui pode ser apenas um ponto de partida para continuar resgatar e compartilhar o que ainda falta ser dito.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, A. C.; DUARTE, M. F. **Movimentos culturais de juventude**. 2. ed. [s.l.] Moderna, 2004.
- CARLI, D. T. DE. ÁGORA: Arquivologia em debate. **O documento histórico como fonte de preservação da memória**, v. 23, n. 47, p. 183–197, 2013.
- CÔRREA, A. M. G. **Preservação digital: autenticidade e integridade de documentos em bibliotecas digitais de teses e dissertações**. Dissertação de Mestrado—São Paulo, SP, Brasil: Universidade de São Paulo, 2010.
- COSTA, O. F. DA. **A televisão e o palácio: concessões e desenvolvimento das emissoras e redes televisivas no Paraná (1954-1985)**. Tese de Doutorado—Assis: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.
- COSTA, J. H. Revista Espaço Acadêmico. **Reflexões sobre a indústria cultural a partir de Pierre Bourdieu: a importância dos conceitos de Habitus e Capital Cultural.**, n. 140, p. 10, 2013.
- CUNEGUNDES, M. C. D. N. **Juventude, cultura e identidade: Os jovens da comunidade de Peixinhos**. Dissertação de Mestrado—Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FIÚZA, B. C.; PARENTE, C. O conceito de ensaio fotográfico. **Discursos Fotográficos**, v. 4, n. 4, p. 161, 2008.
- FML: Acordes de Inverno**. UEL, 2011. Disponível em:
 <<https://sites.uel.br/pdi/fml-acordes-de-inverno/#:~:text=A%20primeira%20edi%C3%A7%C3%A3o%20do%20Festival,%2C%20foi%20realizada%20em%201980.>>.
 Acesso em: 28 jan. 2025
- FRIEDLANDER, P. **Rock and Roll: Uma história social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- GIORGIO, F. H. **Na boca do bode: entidades musicais em trânsito**. Londrina: s.n., 2005.
- HERNANDES, N. **A mídia e seus truques**. 2. ed. [s.l.] Editora Contexto, 2006.
- LONGHI, R. R. Estudos em Jornalismo e Mídia. **Opinião e diagramação**, v. 3, n. 1, p. 110–119, 2006.
- MAGI, É. R. **Rock and roll é o nosso trabalho: a Legião Urbana do underground**

ao mainstream. São Paulo, SP: Alameda, 2013.

MARINHO, J. **A história do festival de teatro de londrina (filo) - 1968 a 2000.**

Dissertação de Mestrado—Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005.

NASCIMENTO, P. C. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete.** 1. ed. São Paulo, SP, Brasil: Annablume, 2002.

SAMARA, T. **Elementos do design: guia de estilo gráfico.** 1. ed. [s.l.] Bookman, 2022.

SANTOS, H. M. DOS; FLORES, D. As vulnerabilidades dos documentos digitais: Obsolescência tecnológica e ausência de políticas e práticas de preservação digital. **Biblios Journal of Librarianship and Information Science**, n. 59, p. 45–54, 2015.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista.** São Paulo, SP: Editora Contexto, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Projeto Gráfico

Tabela 1 - Revista

Formato	A4
Margem (mm)	Superior: 12 Inferior: 12 Externa: 12 Interna: 10
Colunas	Livre
Nº de páginas	40
Paleta de cores	Preto Branco Vermelho

Tabela 2 - Logotipo

Fonte	Folklore
Modo	Regular
Corpo	Letras MNEMOINE 77 pt Letra Z 130 pt (Z)
Cor	Letras MNEMOINE Frente Vermelho (#9d191a) Fundo Branco (FFFFFF) Letras Z Frente Vermelho (#9d191a) Fundo Branco (FFFFFF)
Alinhamento	Centralizado * 7,5º de inclinação quando está na capa
*A palavra MnemoZine é duplicada, uma em vermelho e outra em branco, sendo a primeira sobreposta a segunda	

Tabela 3 - Subtítulo

Fonte	Matura MT Script Capitals
Modo	Regular
Corpo	25 pt
Contorno	1 pt
Cor	Vermelho (#e73741) Contorno preto (#000000)
Contorno	Preto (#000000) 1 pt
Alinhamento	Centralizado *Inclinado a 7,5° quando está na capa

Tabela 4 - Texto de Capa

Fonte	Helvetica (OTF)
Modo	Black Condensed
Corpo	16 pt
Cor	Branco (#FFFFFF)
Alinhamento	Centralizado
Cor de Fundo	Vermelho (#9d191b)

Tabela 5 - Sobre MnemoZine

Fonte	Stencil
Modo	Regular
Corpo	25 pt
Contorno	1 pt
Cor	Branco (#FFFFFF)
Contorno	Preto (#000000)

Alinhamento	Livre
*Referente apenas a palavra “Sobre”, “MnemoZine” segue a regras do logotipo (tabela 2)	

Tabela 6 - Expediente

Fonte	GreatLakesNF (Expediente) Helvetica OTF (Função) Helvetica TT (Nome)
Modo	Regular sublinhado (Expediente) Black Condensed Oblique (Função) Condensed (Nome)
Corpo	27 pt (Expediente) 14 pt (Função) 13 pt (Nome)
Cor	Preto (#000000) - (Expediente) Preto (#000000) - (Função) Preto (#000000) - (Nome)
Alinhamento	Alinhado à esquerda (Expediente) Alinhado à esquerda (Função) Alinhado à esquerda (Nome)

Tabela 7 - Sumário

Fonte	Army Rust
Modo	Regular
Corpo	90 pt
Cor	Vermelho (#971917)
Alinhamento	Livre 16° de inclinação

Tabela 8 - Editoria

Fonte	Stencil
Modo	Regular
Corpo	40 pt

Cor	Variavel Branco (#FFFFFF) Preto (#000000) Vermelho (variável)
Alinhamento	Livre
Fundo	Variável Branco (#FFFFFF) Preto (#000000) Vermelho (variável)

Tabela 9 - Linha do tempo (Título)

Fonte	Punk Kid (Linha do tempo) Rockwell (Geração) Stencil (Ano) Minion Pro (Texto)
Modo	Regular (Linha do tempo) Extra Bold (Geração) Regular (Ano) Regular (Texto)
Corpo	30 pt (Linha do tempo) 30 pt (Geração) 12 pt (Ano) 10 pt (Texto)
Cor	Branco (#FFFFFF) - (Linha do tempo) Preto (#000000) - (Geração) Preto (#000000) - (Ano) Vermelho (#971916) - Texto
Alinhamento	Centralizado
Fundo	Vermelho (#971916) - (Geração) Vermelho (#971916) - (Ano) Preto (#000000) - (Texto)
Contorno de fundo	Preto (#000000) - (Geração) Preto (#000000) - (Ano) Preto (#000000) - (Texto)

Tabela 10 - Paginação

Fonte	Stencil
Modo	Regular

Corpo	32 pt
Cor	Variável Branco (#FFFFFF) Preto (#000000)
Alinhamento	Alinhado à esquerda Canto inferior direito ou esquerdo
Fundo	Variável Preto (#000000) Vermelho (#a11a16)

Tabela 11 - Frases avulsas dos entrevistados

Fonte	Haettenschweiler
Modo	Regular
Corpo	20 pt (Frase) 16 pt (Autoria)
Cor	Vermelho (#e52321) - (Frase) Branco (#FFFFFF) - (Autoria)
Alinhamento	Alinhado à esquerda (Frase) Alinhado à direita (Autoria)
Fundo	Preto (#000000) 71% de opacidade
Contorno de Fundo	Vermelho (#a0191a) 3 pt

Tabela 12 - Título de texto

Fonte	GreatLakesNF
Modo	Regular
Corpo	Variável 30 pt a 60pt
Cor	Variável Branco (#FFFFFF) Preto (#000000) Vermelho (Variável)

Alinhamento	Alinhado à esquerda
*O título do texto “Amigos Punks” não segue o mesmo padrão por ser um título estilizado; **O título do texto “O diabo não é o pai do rock... / ... pelo menos em Londrina não segue o mesmo padrão ***O trecho “Do It Yourself”, do texto “Quer que tenha rock em londrina? Do It Yourself” apresenta a fonte em tamanho 100 pt	

Tabela 13 - Subtítulo de texto

Fonte	Folklore
Modo	Regular
Corpo	Variável 20 pt a 30 pt
Cor	Variável Branco (#FFFFFF) Preto (#000000) Vermelho (Variável)
Alinhamento	Alinhado à esquerda

Tabela 14 - Texto

Fonte	Helvetica TT
Modo	Condensada
Corpo	Variável 10 pt à 14 pt
Espaçamento de linha	Variável 18 pt à 21 pt
Cor	Variável Branco (#FFFFFF) Preto (#000000) Vermelho (Variável)
Alinhamento	Alinhado à esquerda
*A matéria “O diabo não é o pai do rock... / ... pelo menos em Londrina” também usa a cor dourada (#987d34)	

Tabela 15 - Página de Referência

Fonte	Helvetica TT (Título) Helvetica OTF (Entrevistados / nome do material consultado, autor e origem)
-------	--

Modo	Bold Oblique Sublinhado (Título) Black Condensad (Entrevistados, material consultado) Condensed Oblique (autor e origem do material consultado)
Corpo	20 pt (Titulo) 10 pt (Entrevistados / nome do material consultado, autor e origem)
Cor	Preto (#000000)
Alinhamento	Alinhado à esquerda